

# REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO CURRICULAR NO ENSINO NÃO PRESENCIAL

Reflections on curricular internship in non-presential  
teaching

Greice Kelly da Silva Borges <sup>1</sup>

Siomara Cristina Broch <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Licenciada em Matemática Instituto Federal Farroupilha, IFFar, *Campus* Júlio de Castilhos, Rio Grande do Sul, Brasil.  
greicekelly115@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora no Instituto Federal Farroupilha, IFFar, *Campus* Júlio de Castilhos, Rio Grande do Sul, Brasil.  
siomara.lago@iffarroupilha.edu.br - <https://orcid.org/0000-0003-1033-1842>

## RESUMO

Este artigo é um relato de experiência, do tipo exploratório e descritivo, sobre as observações das relações de ensino realizadas no estágio curricular de uma acadêmica da Licenciatura em Matemática, durante o ensino não presencial no ano de 2020, auge da pandemia Covid-19. Os elementos descritos mostram o quanto este tempo de ensino foi instável, com pontos positivos e negativos, dificuldades e desafios tanto para gestores, como para professores e estudantes. Todos precisaram se adaptar ao tempo, espaço, instrumentos e ações de ensino e de aprendizagem centradas em atividades não presenciais, com contato através de ferramentas digitais de informação e comunicação, principalmente através de grupos de *WhatsApp* exclusivos para iterações disciplinares. O processo de ensino ocorreu dentro dos limites individual e coletivos do contexto. Para a acadêmica em formação também foi um momento desafiador, de aproximação com a realidade educacional desconhecida de todos e em cotidiana construção, mostrando o quanto a profissão docente exige desacomodação, ousadia e protagonismo, para que a educação efetiva aconteça.

**PALAVRAS-CHAVE:** pandemia Covid-19; ensino de Matemática; formação docente.

## ABSTRACT

This article is an experience report, exploratory and descriptive, about the observations of teaching relationships carried out during the curricular internship of an academic of the Degree in Mathematics during non-face-to-face teaching in 2020, peak of the Covid-19 Pandemic. The elements described show how unstable this teaching time was, with positive and negative points, difficulties and challenges for both managers, teachers and students. All had to adapt to the time, space, instruments and teaching and learning actions centered on non-face-to-face activities, with contact through digital information and communication tools, mainly through groups exclusively for disciplinary interactions. The teaching process took place within the individual and collective limits of the context. For the academic in training, it was also a challenging moment, approaching the

educational reality unknown to all and in daily construction, showing how much the teaching profession requires disaccommodation, boldness and protagonism, for effective education to happen.

**KEYWORDS:** Covid-19 pandemic; Math teaching; teacher training.

## 1 Introdução

Os anos letivos de 2020 e 2021 foram muito diferentes na educação brasileira. A doença que atingiu severamente os povos, denominada de Covid-19, exigiu que a rotina escolar fosse adaptada à realidade sanitária de saúde vigente. Assim, a partir de março do primeiro ano, as atividades escolares presenciais em todos os níveis de ensino foram inicialmente suspensas e, posteriormente, alteradas para a forma de ensino não presencial.

Os processos escolares foram modificados tanto na formação dos acadêmicos, nos seus cursos de graduação nas Instituições de Ensino Superior (IES), quanto nas escolas de Educação Básica, em que as crianças e jovens estavam vinculados. Este texto relata e reflete sobre o processo educacional deste momento, por meio das vivências de uma acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática, no componente curricular de Estágio Curricular Supervisionado (ECS), desenvolvidas no período elencado.

O estágio, durante a formação inicial de um futuro professor, é um dos espaços, no currículo acadêmico, que tem o objetivo de possibilitar uma aproximação com a realidade escolar e com a prática docente. Neste tempo e espaço, o acadêmico pode conhecer as escolas, os alunos, os professores e os processos e relações que ocorrem no ambiente escolar. Para realizar o estágio no contexto da pandemia, foi necessário também uma adaptação nas atividades desenvolvidas, de modo que ele oportunizou uma forma diferente de relacionar-se e de integrar-se com os atores e elementos deste novo processo de ensino e de aprendizagem, agregando saberes pedagógicos diferentes à sua formação.

Os elementos descritos no artigo mostram o quanto este tempo de ensino foi instável, com pontos positivos e negativos, dificuldades e desafios, sendo

um momento provocador para todos, com o desenvolvimento de outras formas de ensino e de aprendizagem de forma não presencial.

## 2 Metodologia

Em consonância com a compreensão de Freire (2002) e Tardif (2010) de que o ensino pode ser fonte de pesquisa, e a pesquisa pode ser fonte para o ensino, a pesquisa que deu origem a este trabalho foi desenvolvida durante o período de estágio. Ela se consiste num misto de pesquisa descritiva e exploratória que, segundo Gil (1995, p. 44-45), têm os objetivos de “proporcionar visão geral, do tipo aproximativo, de determinado tema” bem como “descrever as características de determinado fenômeno”. O método de pesquisa pode ser considerado um estudo de caso, em que o pesquisador usa a observação e acompanhamento do processo, além de pesquisa documental e entrevistas como forma de produção de informações sobre o tema.

O objeto ou fenômeno de estudo é um estágio curricular de observação, realizado na disciplina de Matemática, em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, no ano de 2020, no contexto do ensino não presencial e de pandemia da Covid-19. No artigo, é feita a descrição do que é vivenciado e observado pelo pesquisador com enlaces reflexivos e dialéticos de investigação da realidade.

A sequência escrita deste artigo compõe-se de uma breve reflexão teórica sobre o estágio curricular na formação do futuro professor e o processo de ensino não presencial. Depois, há uma contextualização do estágio apresentado, com descrição e reflexão das vivências de observação dos processos de ensino e de aprendizagem que ocorreram em espaços, tempos e a partir de relações pedagógicas que não contaram com o encontro físico das pessoas na escola.

### 3 Estágio – Processo de Formação Profissional

Esta seção traz uma breve reflexão teórica sobre o estágio curricular na formação do futuro professor e sobre o processo de ensino não presencial.

Com o estágio, o licenciando espera desenvolver experiências e saberes, vencer desafios e fazer descobertas referentes à sua futura profissão, dentro da realidade do ambiente escolar, como uma complementação curricular importante e necessária. Ele deve usar os conhecimentos já estudados e desenvolvidos durante o curso na sua prática docente, tendo o acompanhamento constante de outros professores, especialmente do supervisor ou do orientador do estágio e do professor regente da disciplina na escola. Integrar-se ao contexto escolar, conhecer o projeto político pedagógico da escola, conviver e criar relacionamentos com os alunos, professores e servidores também faz parte do estágio. Assim, Tardif (2010) reforça que o processo de ensino e de aprendizagem se dá também numa construção social, pois “a Pedagogia, a Didática, a Aprendizagem e o Ensino são construções sociais cujos conteúdos, formas e modalidade dependem intimamente da história de uma sociedade” (TARDIF, 2010, p. 14), portanto, dependente da cultura e das relações ali desenvolvidas.

Ao observar o exercício de atividades docentes, o acadêmico vivencia o dinâmico processo de ensinar, e “faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa” (FREIRE, 2002, p. 16), pois sempre há o que aprender consigo e com os outros. O profissional docente aprende com a prática de ensino, frente às diversas situações de relações nos processos de ensino e de aprendizagem, desenvolvendo uma maneira individual de ensinar. Tardif (2002) afirma que o saber dos professores é um processo em construção ao longo da carreira profissional, em que ele “aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua consciência prática” (TARDIF, 2010, p. 14).

O estágio oportuniza, também, observar a importância do professor na vida dos alunos, pois, além da formação técnica científica, o professor forma

cidadãos e participa da vida dos alunos, sendo, algumas vezes, exemplo para eles. É preciso atenção e reflexão sobre as ações pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, fazendo uma análise das atitudes cognitivas e sociais dos alunos frente aos recursos e metodologias de ensino utilizadas, visando a aprimorar as próximas propostas docentes.

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. [...] Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. (FREIRE, 2002, p. 60-61).

Em relação ao ensino da matemática, o professor é visto como um mediador de um conhecimento percebido como difícil e complexo para a maioria dos estudantes. Por isso, na formação inicial do futuro professor de Matemática são apresentadas e discutidas metodologias de ensino diversas, propondo aos acadêmicos a elaboração de atividades de ensino diversificadas. Sugere-se que as atividades exijam o envolvimento ativo dos alunos no processo de aprendizagem, que estimule a curiosidade e o raciocínio deles, mas que, também, respeite as características e o desenvolvimento individuais. Estimule

lar a expressão de dúvidas e perguntas dos alunos favorece a aproximação na relação escolar. Possibilitar a consciência de que aprender matemática é significativo para o seu cotidiano, visto que os auxilia na interpretação e na compreensão do mundo, é um desafio.

## 4 O Ensino Não Presencial

No período Pandêmico, a realidade trouxe a necessidade da mudança no espaço físico em que a educação se realizou. O isolamento e o distanciamento social imposto forçaram o repensar as formas de continuar desenvolvendo o ensino. Nas Instituições de Ensino Superior (IES), a Portaria do Ministério da Educação nº 343, de 17 de março de 2020, no artigo 1º, fez orientação para a “substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2020, np.). A falta de indicação de quais meios tecnológicos deveriam ser utilizados e de como os envolvidos neste processo disponibilizariam destes meios e do domínio de uso deles exigiu que a educação se reestruturasse. Coube às IES e às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, dentro de seus contextos e limitações, buscar alternativas para dar continuidade aos seus processos de ensino.

De forma geral, as Instituições de Ensino procuraram desenvolver ações voltadas aos servidores e estudantes para planejar as atividades letivas não presenciais. Buscaram promover orientação e formação aos docentes para o domínio dos meios tecnológicos, para qualificar suas novas práticas pedagógicas e orientar e monitorar os estudantes para acompanhar as propostas educativas. Assim, o ensino tornou-se centrado em atividades não presenciais, com contato através de ferramentas digitais de informação e comunicação.

No entanto, diversas barreiras surgiram nesta nova forma de oferta do ensino: inserção da educação escolar na rotina familiar; desmotivação e apreensão diante do desconhecido e das incertezas; falta de internet, de pacote de dados e de aparelhos para manter a qualidade de conexão; falta de fluência no uso de sistemas e de ferramentas de interação e de interatividade; dificuldade

de planejamento e de acesso com qualidade aos conteúdos; dificuldades de engajamento de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, dentre outras (adaptado de TONIN et al., 2020, p. 7-8).

Nesse processo de ensino, a realidade escolar amplia-se, pois passa a não existir mais apenas a escola e as atividades curriculares, e muitos estudantes em quarentena em casa passaram a fazer outras tarefas, lidar com outras demandas além de assistir à aula e aprender. Também as novas condições de vida e as formas de subsistência de todos os envolvidos no processo educacional geraram condições desfavoráveis para o desenvolvimento de processos de ensino e de aprendizagem.

Profissionais da área da saúde mental caracterizam o atual contexto como “ansio gênico”, ou seja, como fator de aumento nos níveis de ansiedade dos indivíduos, em virtude das incertezas que circundam a própria pandemia, e das novas condições de vida impostas pelo vírus: isolamento social, trabalho remoto ou novas rotinas no trabalho, intensificação do trabalho doméstico, uso excessivo de telas, seja para trabalho, seja para lazer, alteração nas formas de sociabilidade, entre outros, além do medo de ser infectado ou de infectar outras pessoas. Esse cenário tem implicação direta no estado emocional das pessoas, levando ao aumento dos níveis de ansiedade, ou mesmo ao desenvolvimento de psicopatologias mais graves (TONIN et al., 2020, p. 12).

Esse tempo de ensino vivido aprofundou desigualdades, pois não oportunizou a todos as mesmas possibilidades de aprendizagem, “especialmente para o alunado das escolas públicas, pela falta de condições de acesso de qualidade a redes de Internet” (PACIEVITCH et al., 2021, p. 17) e de equipamentos para acompanhar o ensino ofertado pela escola. Essa situação fez com que o processo de ensino não presencial, para muitos alunos, fosse realizado apenas pela entrega e devolução de material e atividades para fazer em casa. Os alunos que conseguiam manter contato virtual com a professora usavam este meio para interação e trocas de documentos escolares. Para os demais, era necessário o deslocamento constante do aluno ou da família até a escola. Tal contexto, muitas vezes, favoreceu a evasão dos estudantes.

Além disso, os conteúdos desenvolvidos no ensino não presencial foram limitados, e a aprendizagem efetiva dos estudantes foi de difícil mensuração.

Ao contrário do ensino presencial, houve restrição no contato com professores e colegas de classe, dificultando ao estudante interagir e questionar para desenvolver sua aprendizagem e sanar as suas dificuldades.

A situação de quarentena e do ensino não presencial, provocada pela pandemia, mostrou também a importância da cultura desenvolvida na escola e do convívio e das relações no território escolar para as crianças e os jovens. Isso comprovou que “a escola é etapa necessária de vida que implica certo afastamento da esfera doméstica e uma progressiva inserção no espaço público” (PACIEVITCH et al., 2021, p. 17). Assim, a escola tem por finalidade o desenvolvimento intelectual, científico, cultural e social das crianças, jovens e adultos num processo formal de educação.

## 5 Estágio De Observação No Ensino Não Presencial

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) objeto do estudo foi realizado de forma remota no mês de dezembro de 2020, numa escola municipal do interior do RS, na disciplina de Matemática, em uma turma de 7<sup>o</sup> e outra de 8<sup>o</sup> anos escolares do Ensino Fundamental. Teve seu foco no conhecimento da organização escolar e na observação do processo de ensino que era realizado não presencialmente. Essa prática de estágio não observou ou participou de nenhum momento de atividade de ensino virtual síncrona, em que os alunos e o professor interagissem concomitantemente e ao vivo.

Com o impedimento do contato físico, para a realização do estágio, foi feito contato com a direção e coordenação pedagógica da escola, a fim de obter acesso aos seus documentos regimentais. Além da consulta ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, foram realizadas entrevistas pelo *Google Meet* com os gestores. Para conhecer melhor o processo de ensino não presencial da escola, as observações de aula foram realizadas através de entrevistas virtuais com um aluno de cada turma e com as suas professoras de Matemática.

## 5.1 Sobre a Escola

A escola na qual o estudo foi realizado pertence à rede municipal de ensino, tem 9 turmas nos turnos da manhã e tarde, totalizando 161 alunos do 1º ano ao 9º ano, 18 professores, 4 funcionários e 6 monitoras. Segundo os gestores, poucos alunos podem ser considerados em situação carente, e alguns apresentam desestruturação familiar, o que pode influenciar no seu rendimento escolar.

Dentre os alunos, em 2020, a escola tinha dois estudantes com necessidades especiais, sendo Síndrome de Down (SD) e Deficiência Intelectual (DI). Há uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para esses alunos trabalharem com um profissional qualificado, tendo também atendimento regular na sala de aula.

Segundo a gestão da escola, o PPP da escola está em consonância com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O objetivo geral da escola é “auxiliar o aluno em sua caminhada com valores e conhecimento para que possam desfrutar do aprendizado como cidadão crítico e consciente”. De acordo com os documentos, a escola busca reestruturar o currículo de maneira que contemple as reais necessidades do educando, promovendo ações didáticas e inovadoras que atendam às suas necessidades individuais e coletivas. A instituição procura trabalhar com os conteúdos de forma interdisciplinar, utilizando todos os recursos disponíveis na escola e busca incentivar a participação dos alunos nas atividades.

A escola tem uma boa estrutura física para desenvolver suas atividades, dentre as quais, sala de informática, refeitório, banheiro adaptado para cadeirantes, quadra de esportes aberta, sala para guardar materiais de Educação Física e uma sala onde são guardados os instrumentos da Banda Marcial, tatames, jogos pedagógicos, livros didáticos e de literatura, mesa de pebolim e tênis de mesa e vários materiais para a prática de atletismo (TUPANCIRETÃ, 2019, p. 16-17). No ensino não presencial essa infraestrutura não foi utilizada.

A escola mantém algumas atividades importantes para o desenvolvimento do aluno, como jogos esportivos, concurso de poesia, projeto “Viva a leitura”,

projeto “Horta escolar” feito com pneus velhos dentre outros. Esses projetos foram interrompidos durante o ensino não presencial.

A instituição faz a divisão de seu ano letivo em forma trimestral. Nos anos finais, do 6º ao 9º ano, a estrutura curricular é organizada por Área do Conhecimento. A Área de Linguagens e Códigos é composta por Língua Portuguesa, Arte e Educação Física, a Área de Ciências Humanas é composta por História e Geografia, Área de Matemática, Área de Ciências da Natureza e Ensino Religioso. Alguns componentes curriculares somam-se aos anteriores: na Área de Linguagens e Códigos acrescenta-se Língua Inglesa e na Área de Ciências Humanas acrescenta-se Filosofia (TUPANCIRETÃ, 2019, p.18).

Na área da Matemática, o PPP da escola cita as competências específicas de Matemática da BNCC para o Ensino Fundamental. O documento diz que a avaliação da aprendizagem deve ser dinâmica, alternativa e participativa, na busca de uma avaliação investigativa e diagnosticadora em relação ao aluno e ao professor, pois assim o educador pode rever sua postura e enxergar o aluno, levando em conta sua realidade.

Na adaptação do ensino presencial para o não presencial, a escola funcionou de segunda a sexta-feira, apenas pela parte da manhã, quando podiam ser retiradas as atividades impressas disponibilizadas para os alunos, ficando também a escola à disposição da comunidade estudantil caso precisassem de alguma assistência educacional.

O material para os alunos era ofertado de maneira impressa e online. A gestão da escola relata que os alunos têm muita dificuldade no acesso à internet, por isso os materiais também são disponibilizados impressos na escola. A orientação pedagógica foi para que as avaliações escolares fossem realizadas mediante os trabalhos devolvidos. Caso algum aluno deixasse de enviar suas atividades, a direção da escola entrava em contato para saber o motivo. A escola organizou um reforço para o aluno que apresentasse sinais de baixa aprendizagem. Tal suporte podia ser feito de forma presencial na escola, pela parte da manhã, tomando todas as medidas necessárias para a segurança, ou em casa, junto com as atividades enviadas toda a semana.

Assim, o que se observou no ensino não presencial desenvolvido pela escola foi a necessidade de adaptar o que o PPP descreve, sem uso da infraestrutura e do desenvolvimento dos projetos para a contextualização do ensino, explorando novas ações pedagógicas adaptadas e centrando o ensino no envio e no recebimento de atividades disciplinares.

## 5.2 Observações do 7º ano

No 7º ano, as observações de estágio aconteceram apenas acompanhando as atividades escolares de forma assíncrona. A professora regente relatou que foram realizadas aulas síncronas pelo *Google Meet* antes do estágio começar, porém, devido à pequena participação dos alunos ela passou a apenas fazer entrega de materiais semanalmente aos alunos. A professora publicava os conteúdos, materiais e atividades de fixação no grupo de da turma e mandava uma cópia física para a escola. Quinzenalmente, a professora solicitava o caderno, para verificar se os exercícios estavam feitos, e entregava a eles na semana seguinte, numa forma de rodízio, em que era recolhido em média cinco cadernos por semana. Isso acontecia para verificar se estavam fazendo as atividades propostas. Além das conversas virtuais, acompanhar o caderno de cada aluno foi uma forma que a professora encontrou para verificar se os alunos estavam aprendendo.

A entrevista com a professora regente da disciplina foi realizada na sua casa, por opção dela, tendo sido tomadas todas as medidas protetivas de segurança sanitária exigidas, como uso de máscara e o distanciamento. Ela leciona há 19 anos e trabalha há muito tempo nesta escola, tendo sido professora da estagiária no Ensino Fundamental nesta mesma escola no passado. A formação da professora é Licenciatura Curta em Ciência Físicas Biológicas com Pós-graduação em Educação Ambiental.

Segundo a professora, seu método de ensino é tradicional, ela explica os conteúdos, sendo sempre exigente e estimulando a participação dos alunos. Considera que tem boa relação com os estudantes, mesmo sabendo que os

alunos dizem que as aulas de Matemática são chatas devido a sua exigência, mas ela compreende que isso é eficaz para a aprendizagem deles. Ela relata que entre as dificuldades que enfrenta no seu trabalho, estão a falta de vontade dos alunos, a carência de perspectiva deles para o futuro, além do pouco apoio familiar que recebem.

A professora diz participar sempre dos cursos de formação continuada que são oferecidos. Ela comenta que, muitas vezes, tais formações são obrigatórias e outras surgem por convite. Também avalia que algumas são bem interessantes e outras nem tanto. Considera que o mais importante para o desempenho de suas atividades docentes é o conhecimento, o domínio do conteúdo e a preparação para aula. Segundo ela, o conteúdo deve ser apresentado de forma simples, acessível, para que o aluno possa, de fato, aprender e utilizar em sua vida. Nas suas palavras, “não adianta explicar, e os alunos saberem coisas complexas, se não se consegue fazer com que conhecimento tenha sentido para ele”.

Sobre o uso de tecnologias nas aulas, neste momento de ensino não presencial, ela disse utilizar grupos de *WhatsApp*, o *Google Meet* e vídeo-aulas no *YouTube*, para manter contato com os alunos e disponibilizar conteúdos e exercícios. Sobre o ensino não presencial, a professora disse que, no começo, houve dificuldade, pelo momento diferente e conturbado que se vivia (da pandemia). Com o domínio da tecnologia ficou melhor, mas ainda continuava um desafio, trabalhou como podia e dentro dos seus limites e, principalmente, do limite dos alunos. Relatou que a turma possui 13 alunos, dos quais: 9 têm acesso à internet e 4 não têm. Comentou que os alunos receberam treinamento para entrar no *Google Meet* para ter aulas online, mas houve pouca participação. A professora considera que esses momentos haviam sido bons, já que possibilitavam comunicação, conversas, e os alunos copiavam o conteúdo e interagem com dúvidas e questionamentos.

Em relação à avaliação escolar, a professora propunha trabalhos semanalmente, e a cada quinze dias avaliava os cadernos dos alunos. Segundo ela, 11 alunos entregam e 2 não. Às vezes, alguns demoravam para entregar, mas a direção da escola entrava em contato e mantinha uma busca ativa junto

aos pais dos alunos. Caso algum aluno ficasse com nota baixa, era montado um material com as aulas já dadas, em conjunto com as em andamento, para a recuperação dessa nota, pois, devido a pandemia, não estava prevista a recuperação final.

Os conteúdos curriculares foram modificados para o período da pandemia, sendo os professores orientados pela equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, em consonância com a orientação da rede pública estadual do RS, sobre as habilidades a serem trabalhadas, considerando as prioridades e visando a facilitar a aprendizagem dos alunos. Eram utilizados livros didáticos para escolha de conceitos e exercícios a serem desenvolvidos, transformando, revisando e organizando para encaminhar aos alunos. A professora relatou que procurava fazer materiais bem explicativos, com vídeo-aulas feitas por ela mesma, sendo as dúvidas sanadas normalmente via *WhatsApp*.

Um aluno foi entrevistado numa conversa pelo *Google Meet*: um menino de 14 anos, cuja disciplina que mais gosta é Artes. Ele diz que gostaria de aprender em sala de aula, sem a assistência da tecnologia, por conta de ter pouco acesso e qualidade de internet, já que mora no meio rural. Também relatou sentir dificuldade de manuseio do equipamento, mas tenta se adaptar à forma de ensino que lhe é possibilitado. O aluno disse que estava difícil de aprender, mas com a ajuda de familiares consegue realizar as tarefas. Também relatou que as aulas via *Google Meet* facilitavam um pouco o aprendizado, mas que foram suspensas porque poucos participavam.

### 5.3 Observações do 8º ano

No 8º ano, o processo de ensino funcionava de forma semelhante ao do 7º ano: de forma virtual em momentos assíncronos, sendo que os alunos sem acesso ao ambiente virtual podiam retirar o material na escola semanalmente. A professora reforçava o ensino com explicações e vídeos via *WhatsApp*. Os alunos inicialmente tiveram aulas síncronas via *Google Meet*, mas não tiveram continuidade pela baixa frequência deles.

A professora, também entrevistada pelo *Google Meet*, tem Licenciatura Plena em Matemática e Pedagogia, com duas pós-graduações. Ao descrever seu estilo de aula, a professora disse que seu método de ensino é tradicional, mas adaptado com jogos, uso de tecnologia (*Datashow*) e trabalho com projetos. Comentou que procura desenvolver boas relações com os alunos. Explicou que suas maiores dificuldades na escola são a desmotivação dos alunos para o estudo e a falta de incentivo e apoio da família. Também comentou sentir algumas dificuldades em trabalhar certos assuntos e conteúdos, com carência de material para alunos especiais com autismo, além da falta de suporte da escola, como a ausência de profissional Educador Especial. A professora considera importante que o professor tenha paciência e atenção com os alunos. Além disso, durante o processo de ensino, procure observar e compreender seus alunos, bem como goste de trabalhar com pessoas e ensinar. Quanto à utilização de tecnologias para o seu trabalho, disse usar *Datashow*, *WhatsApp*, vídeos explicativos e *YouTube*, agora, no ensino não presencial.

Sobre esse momento de ensino não presencial, a professora relatou que há falta de interesse dos alunos em aprender, e as aulas remotas não tiveram o retorno esperado. Ela explicou que a turma conta com 15 alunos, dos quais 14 entregam material e um não. A entrega de material é virtual, semanalmente, com os conteúdos e exercícios disponíveis online e impressos. A professora disse que fica disponível para as dúvidas e questionamentos por meio do *WhatsApp* e, caso precisem, pelo *Google Meet* também. Mesmo assim, revelou que poucos alunos a chamavam. Ao analisar os materiais devolvidos pelos alunos, a professora disse que falta leitura e interpretação do conteúdo. Ela avalia que, até o momento, a turma não demonstrava muita aprendizagem no ensino online.

Nessa turma, foi entrevistada uma menina de 14 anos. A estudante relatou que está sendo um momento difícil de aprender, pois o acompanhamento presencial da professora faz muita falta. Apesar da situação, ela disse que está conseguindo compreender os conteúdos, realizar e entregar os trabalhos exigidos.

## 6 Discussões e Considerações Finais

Acompanhar o aluno e suas relações de aprendizagem num ambiente educacional que não é a escola e a sala de aula tradicional oportunizou ao futuro professor a compreensão do desafio e da instabilidade da realidade profissional docente. Os professores foram desafiados a se inserir no uso de tecnologias de informação e comunicação para o ensino e a transformar suas práticas pedagógicas, antes centradas na presencialidade do professor na sala de aula, para propostas de ensino em que a autonomia estudantil tivesse protagonismo.

No começo, dominar as tecnologias e os aplicativos como *YouTube*, *WhatsApp* e *Google Meet* se tornou algo complicado, mas obrigatório, pela necessidade da nova forma de ensino. Com o passar dos dias, acabou se tornando normal, e esses aplicativos foram se transformando em ferramentas essenciais. Alguns foram constantemente utilizados, outros abandonados.

Trabalhar na elaboração de conteúdos tornou-se custoso, pois trabalhar de casa torna o tempo único, sem intervalo para outros afazeres, tornando mais cansativa a jornada de trabalho. Desenvolver atividades de aprendizagem, recursos pedagógicos e ações de ensino inovadoras e adequadas ao ensino não presencial foi uma necessidade e poderá ser uma herança positiva para o ensino presencial. Destacam-se o desenvolvimento e uso de vídeo-aulas e *podcast* como formas de apresentar e desenvolver os conteúdos, além da criação de grupos de *WhatsApp* exclusivos para iterações disciplinares. Assim, os professores fizeram o que puderam dentro dos limites individual e coletivo do contexto.

O ensino não presencial mostrou a importância do apoio da família e do trabalho da escola junto às famílias dos alunos, para evitar a evasão e incentivar a persistência e o foco nos estudos e na aprendizagem. Além disso, a família e os alunos conseguiram reconhecer a importância do trabalho da escola e de seus professores em sala de aula que, com a infraestrutura disponível, conseguem desenvolver atividades, explicações e ações que facilitam a aprendizagem dos alunos.

Outro aspecto importante ressaltado nesta relação educacional de ensino não presencial foi a necessidade de o professor estar atento à realidade e à necessidade de seus alunos, que foram diversas durante a pandemia e interferiram na sua disposição para a aprendizagem. Muitos alunos não tinham boas condições de acesso ao ensino não presencial, mediado por tecnologias. Outros passaram a trabalhar, na esfera doméstica ou informalmente, pela necessidade familiar diante das mudanças sociais e econômicas do contexto. Outros não tinham familiares letrados ou com conhecimento suficiente para apoiá-los. E há casos, ainda, que já apresentavam lacunas de aprendizagem que foram externadas e intensificadas; dentre outras situações.

Os alunos foram se adaptando aos poucos, de forma que pudessem receber, entender e realizar as atividades de ensino propostas. O ensino não presencial exigiu dos estudantes autonomia, persistência, concentração e foco no que era proposto para entender e aprender. No entanto, essas características não estavam bem desenvolvidas nos estudantes, o que se tornou um desafio para a aprendizagem. A falta de explicações de forma presencial, o isolamento e o ambiente de estudo conturbado dificultaram a efetiva aprendizagem. A busca por conhecimentos complementares, para quem tinha acesso à internet, foi um facilitador. Porém, a maioria dos alunos demonstrou pouca iniciativa para a aprendizagem e grande dependência do professor como centro do processo.

O conhecimento da realidade possibilita refletir sobre o quanto e o quê os alunos aprenderam. Não se pode negligenciar o desconhecimento dos professores sobre a efetiva compreensão e autoria das atividades desenvolvidas e encaminhadas pelos estudantes durante o ensino não presencial, bem como sobre o crescimento intelectual de cada aluno. Assim, na retomada do ensino presencial, a prioridade deve ser o diagnóstico de aprendizagem dos conhecimentos desenvolvidos no ensino não presencial, pois as lacunas de conhecimento podem se tornar barreiras de continuidade e progressão dos alunos nos estudos.

O desenvolvimento dessa experiência educacional no estágio curricular mostrou como os processos educativos realmente são flexíveis e adaptáveis, exigindo uma postura docente de boa vontade e inovação. Reitera-se a

importância do estágio para a formação do futuro professor de matemática, tanto pela prática que possibilita como pela compreensão dos processos de ensino-aprendizagem e da educação de um modo geral.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020** - Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF: Ministério da educação, 2020.
- TUPANCIRETÃ. Secretaria Municipal da Educação. **Projeto Político Pedagógico** - Escola de Ensino Fundamental Frei Galvão. Tupanciretã, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 25. edição, São Paulo: Paz e Guerra, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 1995.
- PACIEVITCH, C.; Gil, C. Z. V.; SEFFNER, F. Entre monólogos assíncronos e diálogos síncronos: algumas cenas de estágio docente remoto no Ensino de História em 2020. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, Ano. 18, n. 3, p. 293-310, set./dez., 2021.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 5. ed. edição. São Paulo: Cortez, 2010.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. edição. Petrópolis: Vozes, 2010.
- TONIN, C. M. C.; BELINAZO, N. B. C.; DRABACH, N. P. **Diretrizes pedagógicas para o ensino remoto no IFFAR**. Santa Maria: Coordenação de Assessoria Pedagógica, 2020. Disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/ensino-remoto/normativas-e-orienta%C3%A7%C3%B5es#outros-documentos-institucionais>. Acesso em: 10 fev. 2022.